

ICMBio

Edição 529 - Ano 11 – 23 de agosto de 2019

em foco

Indígenas participam de atividades
de manejo de trilhas

ICMBio Itaituba divulga resultados da fiscalização
do 1º semestre

Oficina discute combate ao tráfico de aves silvestres

Trilha da Capelinha: um caminho de fé

Claudete Oliveira



Peregrinos durante missa realizada na área da Capela de São José da Mata

Os antigos dizem que uma pessoa, certa vez perdida em plena floresta amazônica, fez uma promessa a São José. Caso encontrasse o caminho de volta à cidade, uma capela de devoção seria construída. Começaria aí uma tradição que há muitos anos reúne romeiros do município de Itaituba (PA).

Em 2007, um dos devotos deu prosseguimento à reconstrução da capela e da manutenção da trilha de acesso, que recebeu o nome de Trilha da Capela de São José da Mata ou simplesmente Capelinha. Entre os dias 09 e 12 de agosto, os fiéis se reuniram mais uma vez para a 11ª Peregrinação de São José da Capelinha, no Parque Nacional da Amazônia.

A peregrinação culmina com a celebração de uma missa na própria Capelinha. “Futuramente, gostaríamos de realizar duas peregrinações por ano, de forma que pudéssemos levar mais pessoas. Ao longo dos anos, temos recebido devotos de outros estados, como Maranhão, Mato Grosso e Roraima. Assim, nosso desejo é expandir e incentivar as pessoas a participarem das peregrinações e com isso recebemos a graça de Deus, a nossa vida, a nossa fé. Isso nos dignifica e é gratificante poder realizar este evento”, declara uma das organizadoras, Claudete Oliveira.

A Capelinha é a maior trilha do Parque Nacional da Amazônia, se estendendo por 20 km dentro da floresta amazônica. Além da tradicional peregrinação, a trilha costuma receber visi-

tantes interessados na atividade de observação de aves. Por causa da peregrinação, o ICMBio Itaituba organizou a manutenção da trilha: retiradas de árvores do trajeto da trilha; limpeza e restauração de duas áreas de acampamento rústico e reforma e/ou construção de “pingue-las”, estruturas para a travessia de igarapés.

A manutenção da trilha contou com a participação de brigadistas da UNA/Itaituba, da Coordenação Regional 3 do ICMBio em Santarém, do Ibama, colaboradores eventuais contratados para a realização deste serviço e romeiros que também prestaram suporte.

“A peregrinação de São José da Capelinha é uma tradição já consolidada no Parque Nacional da Amazônia. Enquanto gestor da UC, o ICMBio deve trabalhar em prol da preservação do patrimônio natural, mas também das tradições culturais e do patrimônio histórico resguardado por estas áreas protegidas. Assim, esperamos continuar desenvolvendo ações que proporcionem uma experiência de qualidade aos nossos visitantes e agradecemos todo o empenho da equipe envolvida na execução do trabalho de manutenção da trilha”, resume o analista ambiental Gleison Magalhães.



Peregrino na Capela de São José da Mata, no Parque Nacional da Amazônia

Claudete Oliveira

Oficina discute combate ao tráfico de aves silvestres

O tráfico de espécies silvestres está os mais rentáveis do mundo, só perdendo para o tráfico de entorpecentes e de armas. Em 2016, um relatório produzido pelo Global Financial Integrity (GFI), um centro de pesquisa em Washington (EUA), estimou que cerca dez bilhões de dólares: 100 milhões de toneladas de peixe, 440 mil toneladas de plantas e 1,5 milhões de pássaros. Estes animais são os mais vendidos na América Latina, sendo os que estão em perigo de extinção, os mais raros e visados. No Brasil, 234 espécies de aves estão nesta situação.

As aves são os animais mais apreendidos em ações de fiscalização. Animais como papagaios estão especialmente vulneráveis por serem apreciados como animais de estimação. Pensando neste contexto, o Programa Papagaios do Brasil e o Centro Nacional de Pesquisa e Conservação das Aves Silvestres (Cemave/ICMBio) promoveram, no último dia 14, em Campo Grande (MS), oficina de capacitação de agentes de fiscalização. A ideia, além de qualificar os fiscais, também foi a discutir assuntos relacionados ao Combate ao Tráfico de espécies contempladas no Plano de Ação Nacional para a Conservação de Papagaios (PAN Papagaios).

Uma das principais estratégias é a de evitar a retirada dos animais da natureza e para isso, enfrentar o tráfico de animais silvestres é fundamental. Dentre as espécies contempladas no PAN estão papagaio-verdadeiro (*Amazona aestiva*), papagaio-charão (*Amazona pretrei*), papagaio-de-peito-rosa (*Amazona vinacea*), papagaio-de-cara-rosa (*Amazona brasiliensis*), papagaio-chauá (*Amazona rhodocorytha*) e papagaio-moleiro (*Amazona farinosa*), que possuem diferentes graus de ameaça.

“Este PAN, coordenado pelo ICMBio/CEMAVE, desde 2010, tem sido o responsável por promover a sinergia entre instituições responsáveis por combater a captura ilegal destas aves, ameaça que tem provocado a piora significativa em seu estado de conservação. São momentos presenciais como este que está

ocorrendo no Mato Grosso do Sul que de fato promovem a maior sinergia e efetividade de ações em conjunto, uma vez que o foco no combate ao tráfico é comum a todos os presentes”, conta a analista ambiental do Cemave, Patrícia Serafini.

Durante a oficina, os participantes foram capacitados a identificar os animais, manejo em campo e destinação de papagaios apreendidos. Também se dedicaram a pensar estratégias para o tráfico de papagaios no estado. Somente em 2018, a Polícia Militar Ambiental apreendeu 143 animais silvestre e somente dois não eram filhotes de papagaio. O número foi inferior ao de 2017: 521 animais. Depois da apreensão, os filhotes são levados aos Centros de Reabilitação de Animais Silvestres (CRAS) onde recebem cuidados. Relatório produzido pela Rede Nacional de Combate ao Tráfico de Animais Silvestres (RENCTAS) identificou oito rotas de venda de animais silvestres no estado, sendo metade em regiões de fronteira com a Bolívia e o Paraguai (Corumbá, Porto Murtinho, Naviraí e Ponta Porã). As outras destinam-se aos estados de Mato Grosso, Goiás e São Paulo, além da própria capital.

Além do Cemave, participaram do evento Sociedade de Pesquisa em Vida Selvagem e Educação Ambiental (SPVS); Instituto de Meio Ambiente de Mato Grosso do Sul (Imasul); Projeto Papagaio Verdadeiro; Polícia Rodoviária Federal (PRF), Ministério Público de Mato Grosso do Sul; Fundação Neotrópica do Brasil; Polícia Militar Ambiental do Mato Grosso do Sul; Polícia Federal; Ibama e muitas outras.



Enfrentar o tráfico de aves silvestres é fundamental para conservação

Arquivo Cemave

Esec Serra Geral do Tocantins realiza curso de coleta botânica



A Estação Ecológica Serra Geral do Tocantins (TO/BA) realizou neste mês o primeiro curso de coleta botânica da unidade de conservação. A iniciativa faz parte da proposta de implementação de um programa de levantamento botânico na UC, promovido em parceria com a Embrapa Cenargem e a Universidade Federal do Oeste da Bahia (Ufob).

O objetivo do projeto é conhecer melhor a flora da Esec, especialmente as espécies ameaçadas, raras e endêmicas. Ele teve início a partir da parceria com a Embrapa Cenargem, surgida em 2018, no âmbito do Programa Monitora, quando foi realizada uma expedição conjunta com a equipe da unidade para medição e identificação das espécies de plantas das parcelas de monitoramento.

Como resultado dessa primeira parceria para monitoramento da flora, foram acrescidos 50 novos registros para a Esec. Na oportunidade, também se identificou que a estação ecológica era uma das UCs do Cerrado com menor número de registros de espécies da flora por km², indicando ser uma área pouquíssimo estudada. "Resultados do Monitora mostraram que a unidade de conservação demanda mais campanhas de coleta botânica para melhorar o nível de conhecimento da flora protegida", concluiu Marco Borges, chefe da Esec.

A partir disso, surgiu a ideia de ensinar e treinar a equipe da UC a coletar material botânico e fazer exsicatas (amostra de planta prensada e em seguida seca), que são enviados para a Embrapa para identificação e depósito em herbário. Segundo Ana Carolina Barradas, analista ambiental da Esec, o curso envolve técnicas de coleta e preparação de amostras para herbário e também informação sobre as principais famílias de plantas do Cerrado. "O objetivo é formar a equipe da unidade e torná-la capacitada para inventariar a flora da UC", explicou.

Marcelo Simon, representante da Embrapa Cenargem e coordenador do curso, comemorou: "Até o momento, foram coletados 400 indivíduos. Provavelmente, serão incluídos cem novos registros para a Esec". A iniciativa deve contribuir gerencialmente nas tomadas de decisão de manejo da biodiversidade da UC, inclusive na sugestão de limiares para o manejo do fogo.



Material botânico é enviado para a Embrapa para identificação e depósito em herbário

Marcelo Simon

ICMBio Itaituba divulga resultados da fiscalização do 1º semestre

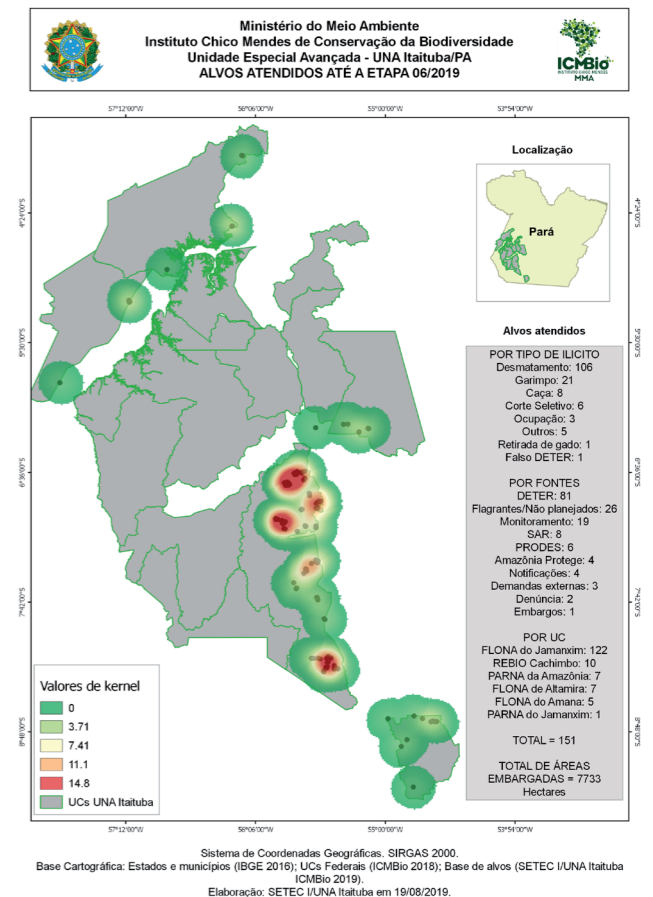
A Unidade Especial Avançada (UNA) do ICM-Bio em Itaituba divulgou o balanço das ações de fiscalização realizadas de janeiro a junho de 2019. Nestes seis meses, foram realizadas oito fiscalizações, sendo seis planejadas e duas emergenciais, atendendo metade das 12 unidades de conservação geridas pela UNA.

O foco principal das atividades foi o combate às ocupações irregulares no interior das UCs, ao desmatamento e à mineração irregular.

Dos 151 alvos, 70% corresponderam a desmatamento ilegal e 21% à extração ilegal de minerais, os dois tipos de infrações mais recorrentes. O alerta Deter foi a fonte de 81 dos alvos; outros 26 de flagrante; 19 de monitoramento realizado pela equipe local; 8 da Amazônia SAR; 6 do Prodes e 4 do Projeto Amazônia Proteja. As restantes vieram de apurações de denúncias e áreas embargadas.

A Floresta Nacional do Jamanxim foi o local com maior número de alvos investigados (122); seguida pela Reserva Biológica do Cachimbo (10) e Parque Nacional da Amazônia e Floresta Nacional de Altamira (7). As operações de fiscalização nas UC da UNA Itaituba estão dentro da estratégia da Operação Integração e conta atualmente com o apoio da Força Nacional de Segurança.

A UNA faz a gestão de 12 Unidades de Conservação (Flona Amana, Flona Crepori, Parna Amazônia, Apa do Tapajós, Flonas de Itaituba I e II, Flona Trairão, Parna Jamanxim, Flona Altamira, Flona Jamanxim, Parna Rio Novo e Rebio Nascentes da Serra do Cachimbo) situadas ao longo da BR163, somando mais de 9 milhões de hectares.



ICMBio realizou oito ações de fiscalização em UCs da BR 163

Acervo UNA Itaituba

REVIS Campos de Palmas vira tema de documentário

Ana Caroline Machado



Documentário faz parte de projeto que avalia a qualidade das águas na UC

As águas e os anfíbios do Refúgio da Vida Silvestre de Campos de Palmas serão o tema do documentário “Integridade ambiental do Refúgio de Vida Silvestre dos Campos de Palmas: suas águas e seus anfíbios associados”, produzido por pesquisadores da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), liderados pelo professor Rodrigo Lingnau. A equipe de documentaristas visitou a UC para realizar entrevistas com proprietários locais, servidores do ICMBio e fizeram algumas filmagens de paisagens e atividades realizadas no âmbito do projeto de pesquisa.

Esta pesquisa caracteriza e auxilia a conservação da integridade ambiental dos corpos d’água presentes na UC e nas espécies de anfíbio que vivem lá e em seu entorno. Ao todo, quatro universidades dos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul uniram esforços para desenvolver o projeto de ava-

liação da qualidade da água das nascentes e dos anfíbios.

Os pesquisadores foram acompanhados pela TV Ônix de Curitiba, que mostrou um pouco do trabalho e das características do REVIS, um dos últimos remanescentes de campos nativos ainda conservados. As cenas serão transmitidas no Programa Bioma Brasil Expedições.

O REVIS Campos de Palmas é uma unidade de conservação de proteção integral do bioma Mata Atlântica. Abriga as principais nascentes do Rio Chopim e do Rio Iratim, responsáveis pelo abastecimento público de cidades do Sudoeste paranaense. Nos campos nativos, onde a UC está inserida, são especialmente importantes para a conservação de flora ameaçada, com cerca de 76 espécies em perigo, 32 vulneráveis e 62 raras.

Encerram-se os encontros regionais do PAN Corais

A parceria estabelecida entre o Centro Nacional de Pesquisa e Conservação da Biodiversidade Marinha do Sudeste e Sul (CEPSUL/ICMBio) e o Instituto Coral Vivo – Museu Nacional do Rio de Janeiro, coordenação geral e executiva do Plano de Ação Nacional para a Conservação dos Ambientes Coralíneos (PAN Corais), prosperou na realização dos Encontros Regionais do PAN Corais, promovido pelo Projeto Coral Vivo. Os objetivos destes encontros foram identificar atores sociais que trabalham em prol da conservação dos ambientes coralíneos, promover a interação e o fortalecimento de redes locais, caracterizar o andamento de ações do PAN Corais e agregar novos colaboradores para a execução do Plano em nível regional.

Ao longo de quatorze meses, entre junho de 2018 e agosto de 2019, foram realizados quatro encontros regionais, do nordeste ao sul da costa brasileira, com o olhar voltado às 18 áreas foco do PAN Corais. Totalizando nove dias de encontros, participaram cerca de 223 pessoas e foram realizadas 79 palestras sobre diversos temas relacionados aos objetivos e/ou as ações do Plano. As apresentações são frutos dos trabalhos desenvolvidos por atores e instituições regionais e locais, compondo ou não o papel de articulador(a) ou colaborador(a) na Matriz de Planejamento do PAN Corais. Os encontros foram realizados no formato de imersão, o que oportunizou diferentes espaços de diálogo e articulação entre os participantes.

O público presente nos encontros, além dos organizadores, foi composto pelo Grupo de Assessoramento Técnico (GAT) do PAN Corais, pesquisadores, professores e alunos universitários, instituições governamentais federais, estaduais e municipais, organizações não governamentais, gestores de Unidades de Conservação, comunidades tradicionais de pesca e suas associações nacionais e regionais, pesca industrial e outros setores da sociedade.

O encerramento destes encontros foi marcado pelo IV Encontro Regional do PAN Corais em Arraial do Cabo, RJ, realizado entre os dias 14 e

15 de agosto. Desta vez a equipe do Coral Vivo e do CEPSUL contou com o apoio logístico do Instituto de Estudos do Mar Almirante Paulo Moreira (IEAPM), da Marinha do Brasil, que contribuiu na realização do evento em seu “Hotel de Trânsito A Ressurgência”. Neste IV Encontro, compareceram cerca de 53 pessoas dos estados do Maranhão, Bahia, Distrito Federal, Rio de Janeiro, São Paulo e Santa Catarina. O propósito deste encontro foi conhecer trabalhos realizados nas áreas foco de 12 a 16 (Sudeste e Sul) do PAN Corais.

Um momento especial neste encontro foi o lançamento do livro “Recifes Brasileiros: O Legado de Laborel”, obra traduzida e atualizada da tese de doutorado do oceanógrafo francês Jacques Laborel, feito em conjunto com sua companheira de estudos e vida, a bióloga marinha Françoise Laborel-Deguen, que marcou presença no IV Encontro. Segundo os autores, esta edição torna acessível um trabalho pioneiro sobre os ambientes coralíneos ao longo de toda a costa e das ilhas oceânicas do Brasil e permite uma visão mais realista sobre estes ambientes. Todos os participantes receberam um livro de presente e a versão digitalizada está disponível para download gratuito. <https://tinyurl.com/y33ekyxs>

Como resultados prévios dos Encontros Regionais do PAN Corais, percebeu-se, a partir da interação e avaliação dos participantes, sinergias e articulações entre os trabalhos desenvolvidos, maior divulgação e comunicação sobre o PAN e a ampliação de sua rede de colaboradores. Como resultados diretos à gestão do Plano os relatórios desenvolvidos pela equipe do CEPSUL contribuíram para atualização de informações à Monitoria Anual e Avaliação de Meio Termo do PAN Corais, na ampliação e inclusão de áreas foco.



Arquivo IEAPM

Indígenas participam de atividades de manejo de trilhas



Cinco comunidades indígenas da área que possui sobreposição territorial no Parque Nacional do Pico da Neblina e na Terra Indígena Yanomami receberam recentemente atividades de manejo de trilhas e conservação ambiental. A ação ressalta o compromisso do ICMBio e da Funai no planejamento conjunto com participação indígena, visando ações integradas de gestão territorial e ambiental das áreas protegidas.

Entre 14 e 21 de julho, foram realizados o “Curso Fundamental de Trilhas Sustentáveis” e a “Oficina de Educação Ambiental Voltada para os Cuidados com o Lixo”, promovidos por meio da parceria entre ICMBio, Funai, Associação das Mulheres Yanomami Kumirayoma (AMYK) e Associação Yanomami do Rio Cauaburis e Afluentes (Ayrca). As ações contaram com a participação de representantes Yanomami da região de Maturacá (localizada no norte do estado do Amazonas, zona de fronteira com a Venezuela), compreendendo as comunidades de Ariabu, Auxiliadora, Maturacá, Santa Maria e União.

VISITAÇÃO

Desde 2003, a visitação encontra-se proibida devido a uma recomendação do Ministério Público Federal, em razão da exploração e das violações dos direitos dos Yanomami e dos impactos ambientais decorrentes do turismo feito por pessoas não indígenas e agências externas.

Com a criação do ICMBio em 2007 e novos servidores lotados no Parque Nacional do Pico da Neblina, houve incentivo à gestão participativa de representantes das quatro Terras Indígenas com interface territorial (Yanomami, Balaio, Cué-Cué Marabitanas e Médio Rio Negro II). Atualmente, a gestão busca transformar a “dupla afetação” em “dupla proteção” territorial e ambiental, com conciliação das atribuições da unidade de conservação e das terras indígenas.

Considerando a sobreposição da TI Yanomami e do Parna, há muito esforço para o ordenamento da visitação na região, com destaque para os trabalhos iniciados em 2014 com a criação da Câmara Temática do Ecoturismo, vinculada ao Conselho Consultivo da UC. Nesse espaço de diálogo, com participação dos Yanomami e de instituições parceiras, foram realizadas diversas oficinas e capacitações, resultando na elaboração do Plano de Visitação Yariipo em 2017. O documento foi aprovado pelo ICMBio em maio de 2018 e aguarda análise da Funai para posterior reabertura da visitação.

Nesse sentido, retomar a conexão entre a humanidade e a natureza é um dos caminhos para a conservação do meio ambiente e foi o principal objetivo do Curso Fundamental de Trilhas Sustentáveis. A capacitação é mais uma iniciativa de fortalecimento do plano de visitação, por meio do qual as instituições envolvidas buscam a abertura oficial da visitação à mais alta montanha do Brasil: o Yariipo, como é conhecido pelos Yanomami (cuja tradução é “Serra dos Ventos”), ou Pico da Neblina, como é denominado pelos não indígenas.

O documento, que busca uma alternativa econômica sustentável para os Yanomami, principalmente como uma estratégia contra o garimpo ilegal, representa a conciliação entre diversos objetivos: conservação da sociobiodiversidade, proteção da fronteira brasileira e apoio à promoção do bem viver dos Yanomami. A trilha é o principal equipamento turístico

co que leva o visitante aos atrativos naturais, por isso sua importância.

“Uma das funções de unidades de conservação como o parque nacional é encantar o público com a natureza e fazer com que ele se torne um defensor da conservação, fortalecendo a demanda por investimentos e ações para o setor. Mas, para isso, ele precisa sair satisfeito daquela experiência”, explica Pablo Casella, analista ambiental responsável pelo curso.

O curso mesclou atividades teóricas e práticas dentro de uma carga horária de 40 horas e destinou a atividade de campo para algumas intervenções, feitas na própria região de Maturacá, que pudessem servir de modelo para futuras intervenções na trilha de acesso ao Yariipo e nas demais trilhas que os Yanomami da região do rio Cauaburis planejam abrir para visitantes em seu magnífico território.

De acordo com Salomão Yanomami, ex-diretor da Ayrca e ex-coordenador do Projeto Yariipo, “a comunidade tem anseio de cursos de aperfeiçoamento como este, que contribuem para a autossustentabilidade do povo Yanomami”. Nesse sentido, os alunos colocaram a mão

na massa e realizaram intervenções, como a construção de degraus, estruturas para desviar água e uma nova trilha de acesso entre o rio e a sede das associações, feita com declividade muito mais suave, seguindo as diretrizes técnicas das trilhas sustentáveis.

Conforme consta no plano de visitação, “acredita-se que a experiência proporcionada aos turistas será uma oportunidade para superar preconceitos e ampliar a aliança em defesa dos direitos indígenas e do meio ambiente.”

OFICINA

Ainda no mês de julho, foi promovida a Oficina de Educação Ambiental, voltada para os cuidados com o lixo, realizada pela Coordenação-geral de Gestão Ambiental (CGGAM) da Funai. A demanda pelo evento foi apresentada pela AMYK e planejada conjuntamente o ICMBio durante os últimos meses. Seu objetivo foi discutir as principais causas e consequências do excesso de lixo observado atualmente nas aldeias, bem como gerar um processo de diálogo intercultural e de reflexão sobre possíveis caminhos para ajudar a reduzir os impactos que já vêm sendo observados nas comunidades.



Além de problemas à saúde, os danos ao meio ambiente causados pela grande quantidade de lixo nas aldeias também foram abordados pelos participantes. A poluição e contaminação dos recursos hídricos e do solo, os prejuízos à fauna local e possíveis impactos à atividade turística foram os principais aspectos levantados na discussão.

“Pensando nos aspectos mencionados, há a iniciativa de incentivar a compra de alimentação destinada aos visitantes do Yaripo na própria comunidade, com fomento à economia local, maior envolvimento das mulheres (responsáveis pelo cultivo nas roças e preparação dos alimentos), valorização da culinária tradicional e mais saudável, minimizando os itens industrializados trazidos da cidade – que acabam geram muito lixo e afetando a saúde direta e indiretamente”, complementa Luciana Uehara, gestora do Parque Nacional do Pico da Neblina.

O tempo que alguns tipos de lixo levam para se decompor; a importância de repensar o consumo, de reduzir a geração e o descarte de itens adquiridos e de reutilizar produtos mereceram destaque nas conversas. Além disso, foi ressaltada a necessidade de separação do lixo, orgânico e inorgânico, e, entre eles, o descarte especial de pilhas e baterias, muito comuns nas aldeias e altamente prejudiciais ao meio ambiente por conterem metais pesados que podem fazer mal à saúde e contaminar o solo e os cursos d’água.

“Conseguimos realizar uma articulação com o Polo Base do Distrito de Saúde Especial Indígena de Maturacá para que eles funcionem como ponto de coleta das pilhas e baterias que serão recolhidas, uma vez por mês, nas aldeias”, ressaltou Nathali Germano, servidora da Funai e responsável pela oficina.

Além de discussões teóricas envolvendo o problema dos resíduos sólidos nas aldeias, foram realizadas atividades práticas de aproveitamento do lixo orgânico (daquele não destinado para a alimentação de pequenas criações) voltado à adubação de plantas por meio da compostagem, preparação de covas para plantio de mudas e adubação de árvores já plantadas. Foram realizados, ainda, mutirões de coleta nas cinco aldeias da região de Maturacá.



Nathali Germano - FUNAI



Atividade é esforço entre ICMBio, FUNAI e indígenas para visitação sustentável

Curso aprimora conhecimentos sobre pesca artesanal em UCs marinhas

Servidores de UCs marinhas, pesquisadores e pescadores participaram de “Curso-Oficina para nivelamento do banco de instrutores em monitoramento da pesca artesanal em UCs” realizado na Acadebio, em Iperó (SP). O curso foi promovido pela Coordenação de Monitoramento da Biodiversidade (COMOB/CGPEQ/DIBIO) em parceria com Centros Nacionais de Pesquisa e Conservação no âmbito da biodiversidade marinha. O objetivo foi aprimorar e consolidar o conteúdo ministrado durante o curso de monitoramento de pesca artesanal em UCs federais marinhas.

Após cada aula ministrada, os conteúdos e procedimentos didáticos abordados eram avaliados pelos participantes. As contribuições realizadas serão posteriormente aplicadas em cursos de futuros instrutores e multiplicadores do Programa Nacional de Monitoramento da Biodiversidade – o Programa Monitora, que por sua vez, irá replicar esse conhecimento aos monitores locais.

De acordo com o analista ambiental, Walter Steenbock, o curso foi a oportunidade de pensar e produzir uma proposta de capacitação para o monitoramento participativo de forma a agregar o conhecimento ecológico local e o acadêmico. “A institucionalização

deste curso no ICMBio e sua consequente implementação nas Unidades é um marco para a integração do monitoramento participativo como base para a elaboração de instrumentos de gestão”, disse Steenbock.

O curso é parte do esforço do ICMBio para estruturar o processo de capacitação e implementar protocolos de monitoramento dos alvos “pesca e biodiversidade associada”, do Monitora. Como o Monitora se consolida nos princípios de ciência cidadã e participação, é fundamental o envolvimento de comunidades locais e outros atores em todas as etapas: na mobilização social, definição de arranjos locais e da estratégia de implementação do Programa; levantamento de dados e gestão do conhecimento.

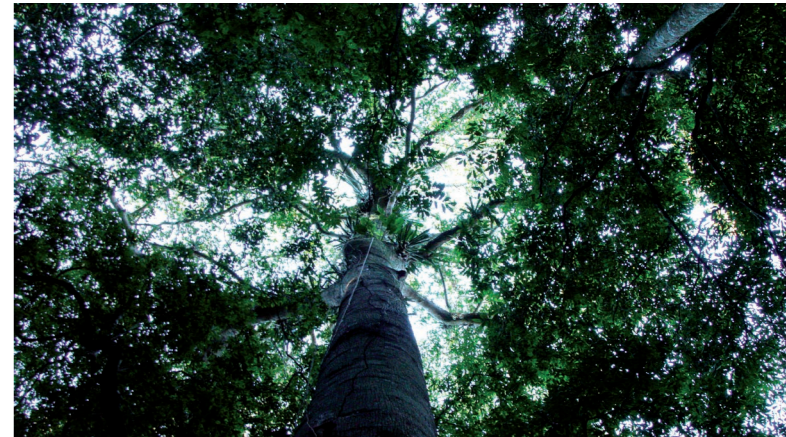
“Tendo em vista o elevado número de UCs que esperamos serem gradualmente integradas ao Programa Monitora e ao considerarmos a necessidade de uma maior coesão e articulação institucionais no tema e em seus desdobramentos, haja vista o acúmulo de aprendizados e desafios que compartilhamos, a construção deste curso a muitas mãos se torna essencial para sermos mais assertivos e sinérgicos nas ações que empreendermos”, conta a coordenadora da COMOB, Tathiana Chaves.



Acervo ICMBio

Capacitação reuniu servidores, pesquisadores e pescadores

Rebio Tingá (RJ)





ICMBio em Foco

Revista eletrônica

Edição

Ramilla Rodrigues

Projeto Gráfico

Bruno Bimbato

Narayanne Miranda

Diagramação

Celise Duarte

Chefe substituto da Divisão de Comunicação

Bruno Bimbato

Foto da Capa

Acervo ICMBio

Colaboradoraram nesta edição

Ana Carolina Barradas – ESEC Serra Geral do Tocantins; Diego Bezerra Rodrigues – UNA Itaituba; Fábio de Almeida Abreu – NGI ICMBio Palmas; Gleison Magalhães – UNA Itaituba; Maya Baggio; Laura Shizue Moriga Masuda – COMOB; Luciana Uehara – PARNA Pico da Neblina; Nathali Germano – FUNAI; Pablo Casella – PARNA da Chapada Diamantina; Patrícia Serafini – Cemave

Divisão de Comunicação - DCOM

Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio

Complexo Administrativo Sudoeste - EQSW 103/104 - Bloco C - 1º andar - CEP: 70670-350 - Brasília/DF Fone +55 (61) 2028-9280 comunicacao@icmbio.gov.br - www.icmbio.gov.br



facebook.com/icmbio



youtube.com/canalicmbio



[@icmbio](https://instagram.com/icmbio)



MINISTÉRIO DO
MEIO AMBIENTE



PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL